

15 de Junho

N. 1

O CENACULO

QUINZENA PAULISTA

REDACTORES:

Cesar Franco, Luiz Quirino, Americo de C. Sobrinho,
Alves de Farias, Affonso Guimarães e Pedro Moacyr.

SALÃO DAS LOURAS

CAPITAL

Trimestre 1:500

ESTADOS

Trimestre 2\$000

Numero avulso 100 rs.

As assignaturas são pagas adiantadamente.

Todos os artigos ficam exclusivamente a cargo dos redactores.

A colaboração pedida será paga

Redacção á rua da Liberdade, n. 6.

EMENTARIO

- I *A nossa pouca vergonha*—Luiz Quirino
 - II *O tiro symptomatico de Camillo*—Pedro Moacyr.
 - III *Ironia de mãe*—Alves de Farias.
 - IV *Versos*—C. F.
 - V *Dentro da noite*—Affonso Guimarães.
 - VI *Pela Bohemia*—Murger Fils.
 - VII ***—Cesar Franco
 - VIII *Dulce*—A. G.
 - IX *Partido Catholico*—L. Q.
 - X *Fim de um conto*—Frei Angelo di Luca
 - XI *Chronica*—Raul.
 - XII *Scismador*—G.
- Annuncios.

A nossa pouca vergonha

Agora que o primeiro numero está lançado e que *O Cenaculo* vai sahir da obscuridade das officinas para o barulho da publicidade, comecemos a nos inquirir do motivo e do desejo que nos fizeram machucar tal numero de lettras, sob o peso fecundante do prélo.

Somos uns pobres rapazes, de tendencias e temperamentos diversos, mas todos adoradores da Vida, com algumas ideias e algum voca-

bulario, inimigos da Ordem e talvez do Progresso (si elle for, como tem sido, na condução da sociedade brazileira uma palavra encasacada e engravatada nos artigos de fundo para o inglez ver—) mesquinhos e burlescos imitadores da grande arte fluminense, etc. etc. etc. — tudo quanto possam ser uns pobres rapazes, modestamente e sem desdouro.

E a qualidade mais notavel de que fazemos galardão é a de—mesquinhos e burlescos imitadores da grande arte fluminense.

A todo momento e por todos os modos resvalamos neste glorioso predicado.

E, assim, por exemplo, eu vivo parodiando na toilette o sr. Pardalet Mallet, porque este usa gravata vermelha e chapéu amolgado pela direita, e eu ando peccaminosamente, de chapéu batido na viseira, gravata branca, monoculo, *croisé* preto de golla e canhões de velludo, flores e bengalla grossa.

Ha mesmo muita semelhança; é o que o publico costuma dizer na phrase—*cara de um focinho de outro*.

Com a ligeira e imperceptivel differença de um arranjar-se com as cousas ennumeradas e do outro não arranjar-se absolutamente com nenhuma das ennumeradas cousas.

Mas, reparo, que, accorrendo tardiamente ao logar que me haviam demarcado, ainda não expuz o motivo e o desejo da nossa publicação.

Eil-os para ahi, succintamente.

Levados pela educação e pelo meridionalismo a compor artigos e a compor sonetos, parece-me que não nos competia prover o Estado de estradas de ferro, nem de saccas de café, nem tam pouco de compa-

nhias anonymas. E' a nossa humilde opinião.

Depois, no quadro das pretensões, queriamos e queremos aquillo de Diogenes diante o rei da Macedonia—que nos deixem descoberto o sol.

Si, porem, um simples periodo pode representar a justiça da nossa causa e a largueza do nosso fim, explicar-nos-emos desta forma:

Mesquinhos e burlescos imitadores da grande arte fluminense, viemos concorrer na conservação da litteratura pauliceana.

LUIZ QUIRINO.

O tiro symptomatico de Camillo

A esta hora dissolve-se na chimica pavorosa do tumulo, aberto em terra abençoada da patria, o pedaço de modesta argilla em cujo seio, durante longos annos de intenso labutar, sempre a emittir lampejos fortes e gloriosos, ardeo e gastou-se o almo espirito de Camillo, o venerando mestre do romance po rtuguez.

O nome desse velho saudoso, que tão sinistramente abandonou paz do nada as asperidades da existencia, encheu durante 40 annos, como um toque victorioso de clarim, o campo de combate da litteratura luzitana.

E elle o mereceu; a sua fama fel-a, a sua gloria conquistou-a. Podemos dizer delle o que Alexandre Manzoni disse do soldado corso—*ei si nomó*.

De cabeça erguida diante de todas as desgraças e provações, intimas e sociaes, recebendo e embotando, sem jamais abalar-se ou baquear,

no rijo elmo luzidio do seu talento os golpes e as settas disparadas por uma legião de fortes adversarios. Denodadamente productivo e independente assimilando com maravilhosa rapidez variegados e copiosos ensinamentos, que fazia logo voltar ao consummo avido da nação transformados pelo buril do seu engenho em perolas de finissimo lavor, prevendo e por isso mesmo affeioan-lo-se para não ser vencido aos novos moldes do romantismo moderno, manejando todas as armas, a lingua e o romance, a historia, a critica e o drama, este velho prodigioso ascendeu afinal, depois de justas memoraveis e encarnicadas, á cathedra invejada de *sacerdos magnus* da illuminada geração dos actuaes litteratos portuguezes.

Mesmo depois que a cegueira abotoára-lhe os olhos, immerso na vaga de mil infortunios e tristes recordações, elle foi ainda leão e atirou á decadencia da velhice o repto solemne dos seus sonetos descorados.

E vem aqui de molde notar que não choramos em Camillo a ausencia de um poeta, porque elle o foi mediocre e artificial, sem doçura de forma e alto valor intrinseco.

O cego de S. Miguel de Seide teve alem de outros caracteristico fortes, o de ser proeminentemente unico e invencivel como polemista: tinha musculos de aço para a lucta, e levou ao chão quasi todos os adversarios! Agora porém que reinava no seio de uma indiscutida e respeitosa veneração nacional cheio de infortunios, mas tamem cheio de glorias, coberto de goivos, mas tambem coberto de rosas e louros, o summo romancista deixa subir ao cerebro a onda lodosa dos desgostos que lhe apodreciam no coração, esvaece-lhe a coragem, morre a chamma aquecedora da resignação, e, senil, gasto, cobarde, incoherente, o misero estilhaça com uma bala o craneo augusto, Appenino hybernal do talento, onde a neve dos cabellos tinha scintillações

claras, sob os raios do sol da gloria, que desciam-lhe a pino sobre o todo formando a aureola triplice de classico, de romancista e de polemico. E' symptomático o suicidio do grande litterato, que não é mais do que um caso particular, uma concretização desse desespero que vai-se delineando como o perfil sombrio da consciencia contemporanea.

Não ha negar que está morto, tristemente apagado no coração do homem moderno o facho luminoso d'aquella singela esperança primitiva, que radicava a creatura á vida pelos vinculos da fé n'um ideal ardente, em busca do qual as gerações se affanavam e dentro de embeberem-se na sua grande luz mystica e solemne.

As dissecações philosophicas exauriram os fecundos mananciaes de outr'ora, e, apesar dessas majestosas syntheses scientificas, prehes de promessas de um futuro sagrado em que o amor, a justiça e a fraternidade estabeleceram a harmonia universal—só tem-se implantado na alma collectiva e mais especialmente nos cerebros directores uma vacillação anarchica, que em ultima analyse desalenta a vida material e intellectiva e leva-a ao desejo ardente do aniquillamento total.

E' mister que os principios norteem a vida: si assim não for, a existencia, falha de base, torna-se um edificio majestoso assentado sobre a areia, e que ruirá ao passar-lhe por cima o *Simoun* que está modernamente crestando todas as crenças e que apesar dos aconchegos e refinamentos da civilização, vae tornando-a um insuportavel deserto.

Não é paradoxo dizer que o mundo actual não tem principios orientadores, não refugia-se aberta e lealmente em regaço de nenhum credo scientifico ou religioso, e affigura-se-nos uma immensa náo carregada de tripolantes anarchisados e que não se entendem, sem agulha de marear, desarvorada, sob a vergasta de horrorosa procella, a ba-

louçar-se sobre as ondas traiçoeiras de theorias desencontradas.

O homem collocado entre as sollicitações da antiga fé e as exigencias das novas theorias, ri-se de uma e de outras, e sem escola, sem bussola, faz escola do seu riso e das suas duvidas!

Perdida a fé nos principios, perdida a fé nos homens, escurecida pela sombra do máo estar subjectivo a lente atravez da qual olha-se o mundo, perdida a esperança em um futuro melhor ou menos amargo, sabendo que por mais que viva, ha de ver sempre a reprodução do mesmo scenario de traições e enganãos, o homem curva a cabeça diante da fatalidade, e n'um arranço de cobardia, apparentemente corajosa, mette o hombro á porta negra do tumulto e mergulha-se para sempre na treva de uma região desconhecida.

E foi desse erroneo e confuso modo de analyse social philosophica que brotou o pessimismo, a escola do desalento, da immobilidade, a theoria do *nihil dolere*, a systematização das duvidas. E esse pessimismo que vae constituindo em grande parte os elementos da atmosphera intellectual moderna viciando todas as cabeças, e-tonteando as energias da lucta pela vida, novo *haschisch* que embebeda os sentidos e povoa a phantasia com os sonhos de volupia infinita do nada, do inconsciente descanso supremo.

A vida para os homens desolados é um fardo e absolutamente nada de bom ou doce encerra!

Do berço ao tumulto desdobra-se a linha recta e exclusiva da dor.

O que compete ao homem? Encurtar o caminho que se estende entre os dois extremos; torar-se-ponto a vida, tornal-a invisivel.

E d'ahi o suicidio; a falta de coragem para viver e soffrer.

Ainda ha bem pouco tempo, Julio Cesar Machado, serviu-se do processo inventado pela volupia romana. Abriu as veias, exaurindo-se

n'um doce e criminoso esgottamento de sangue!

Agora Camillo Castello Branco que fôra sempre resignado, heroe, christão, perde a fã nas ideias e nos homens, deixa-se vencer pelo soffrimento e mata-se como um covarde vulgar!

Ora assim como os rios descem a vertente das montanhas para o alagamento das planicies, assim tambem da cabeça olympica dos sabios e dos mestres descem as ideias e os exemplos para a alma rude do povo, essencialmente impressionista.

Cabe a nós, moços, e portanto representantes da vida e da lucta, do amor e da gloria, conjurar o alastramento do philoxera pessimista pela vinha das consciencias.

Que não triumphê por honra do seculo essa theoria desolada, que segundo o bello resumo de Dumont:

«Naitre est vraiment le plus grand des maux, et l'on comprend ce peuple thrace, dont parlait Hérodote, qui accueillait les nouveaux-nés avec des gémissements et célébrait les funérailles avec des cris de joie.»

Sim, o quadro que o mundo offerece não é todo de traições e villezas, de infamias e abjecções...

O soffrimento, em vez de amolentar, deve enrijar o musculo da energia.

Dizem que Camillo era um martyr, e que desde os annos tenros da infancia até o ultimo dia—a vida foi-lhe uma horrivel provança... N'um momento de suprema angustia, amoveo dos labios a taça de fel e quebrou-a nas arestas de um tumulo.

Nem assim justifico o proceder sinistro desse velho. Si estava tão perto do acabamento final, esperasse calmo o desfecho natural e logico.

Porque o seu espirito forte e resignado rendeu-se? Porque o seu talento que muita vez profligara a cobardia dos fracos, vacillou ebrio

dentro do craneo, varrido pela notada do soffrimento, e o mestre eximio atirou-se?!

Perda enorme para a geração portugueza, perda enorme para o mundo latino!

E' a sua morte frisante exemplo da desolação que ahi vae pelo mundo!

Sobre o immenso formigueiro das modernas sociedades, desdobra-se como um pallio de crepe, a nuvem negra do pessimismo.

Confio que mais ténificantes principios vencerão afinal.

A chamma azul celeste da esperanza deve ser reanimada no alampadario da consciencia. Admirador de Camillo, rendo-lhe aqui uma homenagem humilde. Si me fôra possivel, com as flores que nos legou—os seus livros immortaes, eu entresacharia uma corôa soberba, pendurando-a depois bem no alto do portico de marmore negro do Pantheon litterario Portuguez, como sendo essa a unica oblação digna de sua alevantada memoria.

Inimigo do suicidio—por baixo da corôa prenderia uma fita negra em que se lêsse o distico—este litterato velho e cego teve a cobardia de matar-se!

PEDRO MOACYR.

Ironia de mãe

Oh! natureza, oh! mãe, tu cujo seio é como um amplo sorvedouro, um barathro profundo, a larga fauce a abrir para tragar o mundo, n'uma luxuria vil, n'um voluptuoso assomo,

tu que ostentas a noute—o recurvado como prenhe de sonhos e amor, de desespero fúndo, e que fazes brotar do ventre podre, immundo, renques primaveris de lyrio e cinamomo,

és boa e má! és mãe e algoz! és negra e santa! Em que carcassa occulta, em que daminha planta jaz o teu coração, anjo de gozo e dores!

E porque, quando vês, mãe desabrida e cega, cair-te um filho mais da morte á dura sega, tu desatas a rir a risada das flores?

ALVES DE FARIAS.

VERSOS

Duas poetisas, d. Maria Clara Vilhena da Cunha e d. Perciliana Duarte enviaram-me os seus primeiros versos, em um só volume, nitidamente impresso. Prefacia o livro a distincta poetisa, d. Adelina Lopes, irmã da brilhante estylista dos *Traços e illuminuras*, d. Julia de Almeida. Não sei a que feliz accaso devo a ventura de ter merecido das duas gentis sonhoras os sens bellos versos. Somente sei que recebi-os alli, do *Estado de S. Paulo*, cuidadosamente envoltos em duas folhas de papel, tendo na primeira o offerecimento feito pelas auctoras, offerecimento que me valeu algmas phrases de espirito e muita inveja dos collegas que me rodejavam na occasião. Depois do bello prefacio, tão honroso para os creditos litterarios das duas jovens poetisas, que mais poderei dizer do livro? Repetir os elogios merecidos que lhe têm sido feitos, pôde parecer, aos que ainda não tiveram a feicidade de conhecer o livro, uma recompensa do volume que tão desinteressadamente me foi offerecido. Longe de mim porém tal intenção. Que ha vida, que ha sentimento em todos esses deliciosos versos que compõem o volume ninguem poderá negar, lendo-os sem prevenção. «Pyrilampos» esburacando a mortalha da noite, «Rumorejos», em meio a solidão dos campos, elles fallam ao coração a linguagem sentimental das aimas apaixonadas.

Não direi entretanto que esses versos não se resintam de defeitos, principalmente na fórma, pouco cuidada. Mas, como livro de estréa, os seus versos são adoraveis. Faço minhas as judiciosas palavras da abalisada escriptora que os prefaciou: «As poesias das duas jovens poetisas têm muito lyrismo e muito sentimento. Resentem-se ainda da pouca idade, da inexperiencia e do meio em que têm vivido mas são promissoras de mimos e esplendores futuros.» Termino es-

tas poucas linhas, dando os parabens á Minas por contar mais duas doetisas e transcrevendo, em seguida duas perolas roubadas ao precioso colar dos «Pyrilampos» e «Rumorejos».

Eil-as :

CONTRASTE

Do prado tirae as flores,
E das flores os espinhos
Da saudade—os dissabores
E do viver—os carinhos,

Que o prado fica deserto
Perdem as flores o encanto
Fica a ausencia indifferente,
Fica a vida em mar de pranto.

NO LAR

O pae, que é grave, serio e pensativo,
Lê sentado, um jornal americano.
A filha—um aujo louro, um lyrio humano,
Faces de rosa, olhar vibrante e vivo,

Dedilha, tremulando, em gesto altivo,
Uma inspirada valsa no piano.
Tendo, alegre na mente um grande plano,
Plano de amor talvez difinitivo !

O moço, alto, robusto e satisfeito,
Pensa na Academia de Direito,
Onde em breve seu o grau irá tomar.

Passa-se isto na sala perfumada,
Emquanto a mãe, feliz e descuidada,
Sorri, vendo o filhinho a engatinhar.

C. F.

LUIZ DE CARVALHO

Victima de um accesso algido, falleceu no dia 10 do corrente, ás 3 1/2 da manhã, o esperançoso moço Luiz de Carvalho, irmão do nosso sympathico amigo e distincto escriptor Horacio de Carvalho.

Contava apenas 23 annos.

Desde muito creança dedicara-se ao commercio onde era conceituadissimo pela sua intelligencia e probidade.

Tinha verdadeira paixão pelas letras, cultivando-as com esmero e dedicação.

Era um dos mais assiduos colaboradores do *Diario Popular* e *Diario de Noticias*.

A toda a exm. familia do morto os nossos cordialissimos pezaes.

DENTRO DA NOITE

*E' noite. Ha muito o rubro sol é posto.
Cae a treva no mundo e vem cobril-o
E espia, como um assombrado rosto
Que contemplesse um tunulo tranquillo.*

*Requiem de paz e solidão soluçam
Pela mudez da noite as coisas mortas...
Os corações e as almas se debruçam,
Absortos de pezar, de dor absortas.*

*No céu pesado a lua vae-se abrindo.
E o seu morto clarão em tudo espalma...
Pois morre o luar no negro céu infindo
Como um sonho no peço de nossa alma.*

*E' como um cirio em meio de uma campã
A lua, em meio ás nuvens pardacentas...
Tremem as sombras que o luar estampa
Sobre o chão, como feras somnolentas.*

*Vae envolvendo a terra em paz e lucto
O silencio da noite negro e santo...
E sendo tudo morto eu só te eseuto,
O' coração, eu só te sinto, ô pranto.*

*E das nuvens a massa preta e immensa
Cobre o luar, que espavorido corre...
Assim tambem a branca luz da creença
Entre as sombras das almas treme e morre.*

*Eu olho para a grande noite erma
E contemplo depois toda a minh'alma ;
Em uma em outra a mesma paz enferma
E a mesma triste e mysteriosa calma.*

*As illusões eu tento adormecel-as,
Como os astros, n'um céu divino e santo,
Onde as orvalhe o pranto das estrellas,
Onde sintam o orvalho de meu pranto.*

*E corro a olhar pelo horisonte extremo
Onde as estrellas surgem pouco a pouco...
E olho o céu, baixo o olhar, choro e blas-
(phemo,
Louco de dor, completamente louco.*

*Toda a egreja da fé se desmorona
Dentro em minh'alma cavernosamente,
Como um navio que singrando á tona
Do mar—se esphacelasse de repente.*

*E quando tudo nos commove e encanta,
En tenho o olhar de prantos arrasado...
E' que as maguas envolvem-me a garganta
Como o barão cruel de um condemnado.*

*E então roço-me ao leito solitario,
Como um cadaver que se alevantasse
E que, cingido ao tabido sudario,
Outra vez sobre a campã se deitasse.*

AFFONSO GUIMARÃES.

PELA BOHEMIA

«Vamos meus senhores, vestimenta correctã, chapéu desabado aos varredores, ponham-se rijos e fortes, com elegancia e graça.»

E' Marivel quem clãma pelo porta-voz da sua chronica de inverno, n'uma indignação burlesca de reformista.

Eil-o suspenso ao carrilhão dessas phrases pesadas de uma sonancia metallica, badalando-as n'um frenesi apoplectico de Quasimodo *sui generis*, escarranchado n'ellas, amarrado aos seus periodos, do alto torreão das columnas do *Jornal da Tarde*.

E a burguezia dinheirosa e seria, que o escuta n'um aparvalhamento beocio de quem não entende, mas acha bonito, applaude-o ruidosamente do mesmo modo que estala aspalmas barulhentas nos circos pelo triumpho dos clowns.

Sim ! a bohemia romantica de todos os tempos, que veste a purpura dos escandalos e canta serenatas á noute, a bohemia que dá o braço ás peccadoras formosas e faz arlequinar a chacota mordaz, n'uns cabriolamentos alegres e satisfeitos, essa que vá para a valla commum como um cão leproso, ou si quer apparecer sem fazer corar o respeitavel publico, que vá com Marivel ao *Chic Paulistano* envergar uma sobrecasaca a rigor, entre no Alberto para comprar chapéu alto ou cartola e vá depois aos bailes da Concordia saudar n'um phraseado de retalhos os commendadores baratos, ou discutir as vantagens do Plebiscito !

Ah ! meu querido Marivel, tu que tantas vezes entraste no *Corvo* de chapéu e consciencia desabados para esgotar os *chops* entre companheiros, n'uma confabulação admiravel de phrases de talento, tu que arrostaste as noutes frias e garoentas da Paulicéa para a escalada dos amores culpados, como podes conceber uma bohemia correctã, em casa, n'um quarto estreito e humi-

do, onde falta uma exalação de carne de mulher moça, um halito quente, de bocca que beija, a redondeza de seios nús?

Isso que tu chamas bohemia em familia—*que não espanta as moças timidas e receiosas*—não é mais que o caminho aberto para a vida burguezia de casado, recolhendo a hora certa, cheio de embrulhos e de encomendas, ouvindo a pequenada guinchar n'uma dissonancia irritante e esterilizadora!

Jogo franco, meu caro Mari...vel!

Nos teus sonhos ambiciosos de homem que calcula e junta dinheiro, tu entreviste um horisonte de encher o olho, illuminado por um sol que dir-se-ia feito de de *sterlinas* fundidas e que teria sons metallicos chocados, tiveste uma visã de Harpagon, uma especie d'aquella scena da *Republica*, onde ha grutas estranhas com stalactites de ouro, n'uma apothese deslumbrante!

Olhaste em torno desvairado: estavas no palacio festivo da bohemia, resoante de musicas e beijos, de uma musica vacillante como um bebado—e viste apenas o vulto adoravel do Quirino de chapéo ao alto e gravata a *Papança*, o Rezende de figura gorda e patusca ajoelhado aos pés de uma mulher por cuja bocca elle bebe, o Americo de Campos Sobrinho que tem o *Murger* ao lado e uma taça na mão e outros... e mais outros, cambeteando a pilheria finissima e eclatante!

Tiveste um arrepio, foste pé ante pé recuando, abriste uma janella cautelosamente e saltaste para fóra como um ladrão que escala um muro.

Pensaste depois: que diabo! isto não pode ficar assim! Eis uma *sahida* de que eu me sahiria mal!

E o teu genio diabolico, a tua finura de *bon vivant*, suggerio-te a famosissima idéa de gritar não contra a bohemia em si, mas contra essa maltrapilha e vagabunda, que entra nos cafés e sahe sem pagar, que recolhe tarde ou que não recolhe—e o teu sophisma sahiu a campo, de cha-

péo sebento na mão, com ares modestos de superioridade, mas recuando sempre, o finorio!—como quem se desculpa mas recusa...

E foi assim que o carrilhão das tuas phrases dobrou pesadamente, do alto da tua chronica, num badalamento frenetico de sino rachado.

Nós os que ficamos, de *sombreiro* e gravata trouxa, debruçamos-nos ao varandim destas linhas para te gritar de todo o coração:

—Boa viagem, Marivel!

—Até a volta, meu caro!

Murger Fils.

De sol por uma frincha um raio espia
Teu somno languoroso
E vendo-te a dormir, tão alto o dia,
Como uma abelha suga-te á corolla
Da bocca o beijo que em teus labios rola.
E, tremulo de goso,
Desce a garganta e sobe de teus seios
Os rochedos de marmore nevado...
Desce-os depois e, lentamente, os veios
Azues desse alvo torso perfumado
Segue até onde o ventre
Liso se arquea. Pára e novamente
Desce; pára outra vez e, finalmente,
Desfeito em finos estyletes de ouro,
Foge e habitar vai entre
As espiraes de teu cabello louro.

CESAR FRANCO.

Dulce

Toda escondida no grosseiro burel, que os encantos pujantes lhe occultava dos olhares dos homens, Dulce, a mais jovem e formosa freira do austero convento, fitava com os grandes olhos azues o tecto da cella solitaria, scismadoramente, n'uma abstracção completa dos sentidos.

Os seus olhos profundos, muito abertos, erguidos para cima n'uma contemplação desconhecida, parecia dilataram-se pouco a pouco, n'uma transparencia de azul purissimo, augmentando maravilhosamente e reverberando a sua luz virginal sobre a monotonia casta das paredes

caiadadas de branco; apoiara sobre a mão fina e delicada o queixo escultural, e continuava quieta, quieta, como uma santa burilada em marmore.

O seu rosto bello e triste tinha a pallidez que a mortificação mystica põe sobre a carne moça e rija; aquellas faces, roubadas tão cedo aos beijos, perdiam as cores lascivas do amor na sombria tristeza do claustro, como duas petalas de magnolia atiradas á sombra espessa de um bosque.

De repente Dulce acordou do extase piedoso em que aprofundara-se. O sangue subiu-lhe ao rosto, inundando-o de um clarão cõr de rosa, os seus olhos brilhantes, cheios de volupia, foram beijar a face altiva do Christo, dependurado á parede, descendo pelo seu corpo descarnado e nú.

E Dulce, de pé, com as mãos sobre os seios virgens, afagando-os n'um aperto suave, começou a correr pela cella, n'uma vertigem louca, tentando atirar para longe de si todo aquelle maldicto calor que lhe escandecia os membros, fazendo o seu coração pulsar descompassadamente.

E correu, batendo com as sandalias no chão, cheia de desespero, até que extenuada, com a fronte orvalhada em suor, rojou-se sobre a dureza mortificante do leito.

Quando Dulce abriu os olhos, era noite alta; o luar entrava pela janella aberta n'uma torrente interminavel de raios opacos, dando um tom livido, de morte, aos moveis de pinho da cella solitaria.

Levantou-se e começou a contemplar a melancholia muda da noite. Olhou para alem, onde se desenhavam as altas casas da cidade, confusamente, n'um labyrintho immenso de chaminés negras e elevadas; e teve lagrimas aos punhos, lembrando que o amor morava alli, naquel-

la casaria que o luar illuminava tão frouxamente.

E Dulce já sabia o que era o amor; o possante jardineiro, que, nos dias quentes, expunha á viração a sua musculatura de aço, fazia-a sentir um prazer immenso, quando levantava a enxada com os braços grossos, onde os nervos pulavam.

E a jovem freira olhou para o seu leito, onde o luar brincava na alvura desmaiada da colcha; depois, num gesto rapido, arrancou do corpo a vestimenta pezada e negra, e foi, com a camisa fluctuante ao ar, deitar-se outra vez sobre aquelle lago de scintillações mornas em que o luar transformara o seu desgraçado leito, ermo de affectos.

Deitada ao comprido, com o seio para cima, as pernas nidas, a bocca a esboçar um sorriso feliz, toda mergulhada em luar, estava bella de ver-se.

E Dulce adormeceu, sonhando. O luar era o jardineiro. Sentia nos seus raios doces o halito do capinador de terra, tentava conchegar o ao seio offegante, e ficar assim eternamente-elle unido a ella, ella unida a elle.

O jardineiro era o luar. Deveriam de ser assim os seus beijos, transparentes e brancos como os sorrisos da lua. Ella bem sentia esses beijos, que lambiam-lhe o corpo todo, n'uma lascivia encantadora.

A's vezes uma nuvem rapida escondia o luar:—Jardineiro, foges? soluçava Dulce. E o luar voltava, e ella começava a sorrir.

Não mais appareceram nuvens na constellada superficie do céu; dir-se-ia que Deus não queria perturbar o goso tranquillo da formosa freira.

E Dulce abraçava o luar, toda offegante, com as pernas retezadas, as mãos a comprimir o seio que se levantava em busca dos beijos do jardineiro. De repente seu corpo

todo se agitou n'uma sensação suprema; era o espasmo de goso que o sonho hysterico lhe dava.

O luar desapareceu, e ella abriu os olhos, consternada. A aurora, agitando o rosario de rubins em toda a extensão do horisonte, surgira orgulhosamente.

Fôra-se o luar, fôra-se o jardineiro

E Dulce, pulando da cama, debruçou-se á janella, bebendo hausto por hausto a luz fria e branca da madrugada.

E viu, ao longe, o rude trabalhador, que vinha pára o jardim, de calças arregaçadas, a cantar umas seguidilhas de amor.

A. G.

PARTIDO CATHOLICO

Pelo anno de 189... em verdade, dava gosto pertencer-se á legião sagrada. Repartia as sinecuras e immortalidades; punha a gente na graça de Deus e no Banco Clerical; alimentava de hostias e de trufas; e fazia revoluções na linguagem, tornando appetecível, utilitario uma pessoa queixar-se ao bispo.

Padre Geraldo era paroch e chefe politico de um dos arrabaldes da capital. E, á semelhança daquelle medico capitalista que desnudou por inteiro, sem mais aquellas, um sujeito que lhe vinha, san e socegadamente, pedir um emprego, succedia raras vezes o sacerdote sahir, com acolyto, breviario e hyssope, carregando o Viatico... para um collega de negocios governamentais que apenas o mandava convocar a uma conferencia urgente.

Certa manhan, pelo estafeta, chegou-lhe uma carta.

Rezava:

Amigo e Rev. P. Geraldo:

Como V. Exa. deve saber, V. Exc. que anda ao par dos progressos sociaes, sou candidata ao Con-

gresso pela facção religiosa das senhoras.

Venho, porisso, nesta cartã intima, esperar um voto do seu devotamento pela nossa santa causa.

Agrippina cabala furiosamente para a sua eleição. Ella é protestante e não escolhe estratagemas nem meios.

Eu confio apenas no valor dos nossos principios e na independencia do nosso brioso eleitorado.

Beija-lhe as mãos.

Co-religionaria agradecida.

Carmen.

Padre Geraldo derreteu-se todo aos desconchavos e aos deleixos da missiva. E, pela graciosidade do nome, pela elegancia do corpo, e por mais não sei que—porquanto nunca percebi nitidamente um raciocinio de sachristia,—hypothecou a sua cedula a d. Carmen.

Na vespera do escrutinio, surgiu-lhe em casa Agrippina.

E travou-se o seguinte dialogo que desenterro de um manuscrito do tempo, traçado porventura, para doutrinação da posteridade, pelo dedo da Providencia:

—Reverendissimo, apresento-me perante as urnas como defensora da fé e conto com o seu voto.

—Já o prometti.

—Sim. Com certeza o destina a Carmen, á ordinaria que não tem escrupulos e abusa das suas reduções.

—Perdõe-me; eu o prometti a quem publicou um programma que reúne todos os principios por que me tenho batido. Ao passo que o programma de V. Exa. tem um ou dois ponctos que não me agradam de todo.

—Mas, incontestavelmente, eu offereço as melhores condições.

Escolhida, lembrar-me-ia de lhe trocar esta por uma freguezia mai, digna do seu merecimento. Depois eu não sou para se comparar com a bruxa da Carmen.

—Paciencia. O promettido é devido.

—Pois não sabe em que cahiu, meu grandissimo maroto. Vai di-reitinho para o inferno. Metteu-se com a Carmen, está endiabrado.

Retirou-se espalhafatosamente e escandalosamente, soccando o chão, batendo os moveis, arremessando as portas

Agrippina tinha razão.

Padre Geraldo estava endiabrado.

Padre Geraldo metterá-se com D. Carmen.

L. Q.

Fim de um conto

«O louro pagem tremulo ajoelhara e as brancas mãos da castellã formosa fora beijando, ao vel-as, côr de rosa, de uma epiderme transparente e clara...

Nisto um rumor... e um vulto que assomara, vendo o garboso par que aneia e gosa, cheio de zelo e colera ciosa, faz scintillar a espada que arrancára.

Grito da dama. Um retinir de espada, Sobre os degraus de marmore da escada, subito o pagem morto cae...» Depois

A moça ao moço o olhar arrependido ergue ao pensar na scena que o marido hade fazer si encontra agora os dois !...

FREI ANGELO DI LUCA.

CELSIANAS

Temos entre mãos um exemplar do folheto que com esse titulo acaba de ser publicado pelo sr. A. Lepido.

Vamos lel-o.

CHRONICA

Inverno...

Céo largo, enfarruscado e carrancudo, ás vezes ; limpido, azul, esplendidamente bello em outras.

Esgarçams-e as camelias, ao sol fino do inverno e o fructo desponta no broto verde das arvores.

Um inverno benefico.

Dá paz á consciencia e sazona a razão.

Aqui está um folheto, que vem das almas quietas e tranquilladas de meia duzia de artistas, amando e vivendo no ar magnifico d'esta quadra invernos.

Vem das consciencias, vem das almas o *Cenaculo*.

Raciocina e ama ; a suggestão e o amor.

Formou-se na consciencia bohemia e espiritual de um congraçamento alegre de almas affeitas ás modalidades suavissimas do amor pela Arte.

Inda que pobre de idéias, guarda joias rutilantes no precioso escriptorio do Sentimento.

Vae viver a vida farta e divertida, despreoccupada e feliz de uma creança travessa, olhos meigos e azues, no esplendor dos annellados cabellos louros.

Amar, viver pela Arte ; um sorriso eterno nos labios e quando espicaçado pela magua, escondel-a nos seios rijos e uberrimos da Deusa.

E como esta essencia finissima do frio põe nas faces o matiz entrecorado e roxo, fingir-se a alma inundada das alegrias quentes do verão e a face corada de sol...

Honestamente alegre, intelligentemente bohemio.

E o *Cenaculo* caminhe, pise uma estrada larga e destrancada, fresca como um tendal de rosas, alegre como uma ruidosa romaria.

Chronica ?

Uma grande téla em que a mão estouvada do artista brochasse a largos traços um céu esfumado com manchas negras, ondeando na brancura de umas nuvens estiradas pelo espaço afóra...

Tal se me affigura o quadro desalinado e incolor que me vem surgindo à memoria, desafiando a

perspicacia, a finura de um chronicista.

Mergulhar alli um instante de paciencia e tirar um facto, um typo, uma ideia, e aqui delinear-os...

Difficil.

Uns, os factos, cobertos com a roupagem triste da ideia dolorosa de morte, outros, os typos, dando o spectaculo grotesco da ridicularia.

O *Cenaculo* quer leitores, não almeja inimigós.

Callemos os typos, fallemos dos factos.

Luiz de Carvalho, o bello rapaz poeta, que lá está debaixo de uma lápide, sob um raio frio de luar triste restea de sol coado no arvoredo solitario que sombreia a morada dos mortos, deixou um bom inicio de nome talentoso e tinha na alma a alegria cantante d'estes versos :

«Na quadra azul da mocidade agente parte rindo e cantando, estrada afóra !»

Pobre Luiz !

Ainda o vi ha bem pouco tempo louro, corado, prasenteiro e alegre distribuindo risos e saudações de rua.

Luiz de Carvalho tinha talento, tinha coração de artista.

Elle, que justamente se affastára da roda litteraria, não imaginaria que é nessa roda motivo de dôr o seu fallecimento.

Pobre Luiz !

Descansa em paz e quando chegar a primavera e o teu tumulo se cobrir de flores, que recitem ella um desses teus adoraveis sonetos, trescalando perfumes e amor.

Inverno... Inverno...

Que ao menos seja um bocadinho aquecido como a virgem toscana que tinha na face esculptural um tom leve de pallidez quente.

RAUL.

Scismador

Aos quinze annos o rapazito era um scismador romantico, com o olhar espalmado sobre a grande petala concava do ceo azul, com o sorriso passareando pelo ceo do seu rosto pallido.

E o pae, um burguez bom e afflicto, poz-se a observal-o. Sim! que não queria scismadores lá por casa..

E o rapazito, sempre triste e sempre pallido, ficava tempo esquecido a contemplar a immortal placidez do luar, n'um sonho vago e suave. E sempre que no beiral do telhado os pombos mansos arrulhavam, bicos unidos, azas farfalhantes,—elle, o poeta jovem e triste, acompanhava os arrulhos do amor colombino, accordeando cavatinas sublimes na sua lyra, branca e pura como jaspe.

E o pae, o bom burguez, affligia-se deveras.

O rapazito já não esperava pela claridade do luar para desferir melodias suaves nas cordas da lyra, tão rija e tão branca.

Sempre nos dias calmosos, o sol a pino labaredando a terra, lá ia elle pelos campos em fóra, de lyra em punho, a olhar para os passaros que borboleteavam pelo espaço.

E o pae então, não podendo roubar-lhe o divino instrumento, atou-lhe as mãos ás costas, n'um supplicio cruel, para que o jovem scismador nunca mais accordeasse cavatinas sublimes na sua lyra, branca e pura como jaspe

G.

PAULICÉA

Rua de S. Bento, n.

Acabavas de collocar sobre a concha piedosa de meus labios aquelles beijos suaves, onde a tua alma walsava doidejante e branca; e eu

nesse momento, jurava que jamais mel tão dulcificante, doce tão saboroso, existiria no mundo. Então parei em frente á *Paulicéa*, o scintillante estabelecimento que parece roubado a uma legenda de fadas; e contemplei aquelle magico estendal de doces, brilhantes e puros como os suspiros que saem do teu peito amoroso.

Apenas depuz na bocca um daquelles manjares olympicos (perdôa, meu amor), evaporou-se todo o mel dos teus beijos colmeiantes... E' que havia, nos confeitos da PAULICÉA, um mel mais saboroso que o assucar divino de teus beijos.

A' PAULICÉA

SURPREZA

Passou, estava eu a porta do Teixeira, acabára de comprar o Cortiço, passou e atirou-me ao coração toda a aljava do seu olhar negro e profundo. Seguiu, segui-a. Fascinava-me aquelle escuro abysmo. aquelle revoltoso mar de seus cabellos. Parou parei. Entrou, fiquei á porta. Enquanto esperava lia nos grandes vidros da vitrine, em bellas letras de ouro: FABRICA A VAPOR DE CHAPEOS. Di-dato Lemme. Marmorisei-me. E' que ha muito precisava eu de um chapeo, de um grande chapeo desabado, que afrontasse as iras da burguezia. La dentro ella escolhia, experimentava, comprava, pagava, enquanto o Lemme, o felizardo Lemme, enfileirava até os seus olhos negros a mais deslumbrante colleccão de chapeos de toda a Paulicea. Sa-

hio, seguio, perdi-a de vista. Ficava mudo, assombrado, estatico ante aquella mirabolante chapellaria.

Nunca pensei, meu amor, que perolas houvesse mais lindas que esses teus dentes que brilham, como beijos de marfim, entre o purpurissimo cacto desses labios divinos; nunca pensei que houvesse joias mais fulgurosas que esses diamantes negros que scintillam no céu lirial do teu rosto virgem... Ah! E' que eu nunca extasiara-me ante as vitrines maravilhosas da esplendente joalheria de

Jacob Levy

RUA 15 DE NOVEMBRO

TEMPLO PAGÃO

Entra-se para alli por duas largas portas escancaradas e francas como um convite, ao pé das quaes bracejão vagarosamente, dentro dos vasos redondos, duas pequeninas arvores graciosas, pondo uma nota bucolica no aspecto festivo d'esse exquisito templo. E desde a entrada ha um deslumbramento de *feerie* na claridade das lampadas suspensas, no movimento espantoso desse pequeno mundo, cheio de mesas de marmore redondas, ao tilintar da porcellana fina, ao resoar da musica eclatante, enquanto lá dentro em gabinetes forrados de vermelho, diabolicos, espouca ruidosamente o champagne aos gritinhos bohemios de mulheres formosas! E os sacerdotes d'esse templo—o Farias e o Campos—passão n'um movimento continuo, resando os psalmos das gargalhadas festivas, abrindo a Biblia dos vinhos espumantes!

AO JAVA!